

Florestan Fernandes, elementos para uma reflexão militante¹

Adelar João Pizetta.²

Agradeço o convite para participar da mesa de encerramento desta III Semana Florestan Fernandes que realizamos na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF). Estar aqui, hoje, para falar sobre o nosso patrono é um grande prazer e um enorme desafio, pois, como disse Heloisa Fernandes (2005), Florestan aqui retorna às suas três casas: *Primeiro à casa do saber; retorna à escola, ao ensino, à universidade. Retorna à casa pela qual sonhou e lutou, onde o saber visa à libertação dos “deserdados da terra”, onde estão fincados os melhores ideais pedagógicos do humanismo democrático e socialista. Assim, retorna à sua segunda casa, onde fixou morada e transformou em trincheira de lutas e projetos: retorna à casa do socialismo. Enfim, retorna à sua terceira casa, a casa dos seus ancestrais, a sua herança mais íntima e verdadeira: à casa dos camponeses*³.

Portanto, é desta casa (escola) da classe trabalhadora, do saber e do socialismo que marchamos com Florestan e sua vasta obra em amplitude e em profundidade - vocês puderam ter a oportunidade de estudar durante esta III Semana. Como ele mesmo admitiu, o sociólogo começou a nascer quando o menino engraxate tinha apenas seis anos de idade: *“Eu nunca teria sido o sociólogo em que me converti sem meu passado e sem a socialização pré e extra-escolar que recebi através das duras lições da vida”*⁴.

Em muitos espaços acadêmicos, costuma-se afirmar que as teorias marxistas já não dão conta da complexidade da realidade atual e que, portanto, autores marxistas como Paulo Freire, Florestan Fernandes, Caio Prado Jr. e

¹ Palestra proferida no dia 27 de agosto de 2011, na Escola Nacional Florestan Fernandes (ENFF), na mesa de encerramento da III Semana Florestan Fernandes, com o tema: Atualidade de Florestan Fernandes.

² Membro do Setor Nacional de Formação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST e da Coordenação Pedagógica da ENFF.

³ Heloisa Fernandes. Ruma a uma nova sociedade. In: A política de formação de quadros. Cadernos de Estudos ENFF, n° 1. São Paulo, 2007, p. 118.

⁴ Florestan Fernandes. A sociologia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 142.

muitos outros são datados porque suas análises já não servem para explicar o mundo onde vivemos. Penso que esse tipo de avaliação sobre a obra desses autores denuncia sua própria parcialidade, não apenas porque não são reconhecidos os aspectos dessas obras que continuam relevantes, como também porque, não apontando quais são as questões que não estavam postas na sua época, deixa-se de indicar os pontos onde é necessário avançar.

No entanto, fora da academia, nos movimentos sociais, nas organizações e nas lutas dos “de baixo”, dos explorados e dos excluídos, econômica, política e culturalmente, estes autores se mantêm atuais e em plena vitalidade, pois, na verdade, esses gigantes pensaram as questões do seu tempo e para além dele. Aqui sim, podemos recorrer à metáfora marxista, é necessário subir nos ombros desses gigantes para, com sua estatura intelectual e política, não apenas interpretar, mas lutar para modificar a realidade com a qual nos deparamos.

Assumindo a perspectiva dos movimentos sociais, pretendo refletir com vocês alguns aspectos da obra de Florestan que me parecem extremamente atuais e que, em certa medida, continuam a orientar as práticas políticas e organizativas de todos aqueles que buscam a superação da lógica do capital e a construção de uma sociedade mais justa e solidária, uma sociedade socialista. Vou abordar cinco tópicos que, na verdade, estão intimamente conectados, pois, do mesmo modo como na vida do Florestan, não é possível separar o pensamento crítico da ação combativa.

1. O primeiro tópico diz respeito à necessidade de compreender a nossa história: quem somos? Como nos tornamos o que somos, o que podemos nos tornar ainda e para onde vamos? Precisamos escavar a história a *contrapelo* para encontrar as raízes da dominação no nosso passado colonial, escravocrata, dependente e, também, para reencontrar o nosso passado heróico de luta, de resistência, de um povo que não se submete à dominação dos de cima. Precisamos retomar as raízes da nossa história para descortinar as nossas perspectivas futuras. A história movida pelas contradições de classe, de grupos sociais, de interesses

econômicos e políticos, está em permanente construção e devemos manter o alerta do Florestan: “*Não se pode esquecer que a história é cruel com aqueles que pensam que ela é eterna, porque ela não é eterna. Ela muda a face, muda as exigências e pode se converter num abismo e afogar os que não percebem que é momento de mudar de rumo*”.⁵ Que mudanças estão ocorrendo em nosso continente? Quais os rumos que as classes trabalhadoras e exploradas estão tomando?

Trata-se de compreender a essência da nossa sociedade buscando as inter-relações, os nexos e laços construídos historicamente, numa relação sempre direta com o sistema econômico mundial. Isto porque, para entender o processo de desenvolvimento capitalista no Brasil, Florestan parte da análise de como se dá a integração do Brasil ao sistema capitalista mundial. Desde os seus primórdios, esta é uma inserção subordinada aos interesses econômicos e políticos dos países imperialistas. Segundo Florestan, essa subordinação não é mero fruto de uma *imposição de fora* (o que ela também é), mas se articula aos próprios interesses da burguesia brasileira, que reproduz internamente relações de exploração econômica e de dominação política e ideológica. Como diz Florestan, “*as estruturas do capitalismo dependente estão preparadas para organizar a partir de dentro as ‘condições ótimas’ da sobreapropriação repartida do excedente econômico e para renovar continuamente as condições de reincorporação ao espaço econômico, sociocultural e político das sociedades hegemônicas preponderantes*”.⁶ É assim que “*dependência e subdesenvolvimento são um bom negócio para os dois lados*”.⁷

Dessa maneira, a burguesia brasileira já nasce umbilicalmente ligada à burguesia internacional, imperialista, o que remete a uma análise de classes não dogmática, pois, é praticamente impossível falar de burguesia nacional. Mais ainda, esse fenômeno vai forjar uma burguesia antinacional, antidemocrática e

⁵ Florestan Fernandes. Programa “Roda Viva” da TV Cultura, 1994.

⁶ Florestan Fernandes. Capitalismo dependente e classes sociais na América Latina. São Paulo: Global, 2009, p. 64.

⁷ Idem. p. 34.

anti-social. Uma burguesia submissa aos interesses de fora e truculenta (onipotente) com os trabalhadores aqui dentro; uma burguesia que não inova, que não cria, mas que se limita a copiar e a adaptar, tanto nos aspectos econômicos como nos aspectos políticos, culturais, educacionais; uma burguesia que articula e viabiliza os interesses do grande capital com os seus próprios à custa da miséria, da exploração e da repressão dos trabalhadores e da pilhagem das riquezas dentro e fora do país.

Hoje, esse é um fenômeno que se tornou invisível exatamente por ser tão evidente. Atingimos uma fase em que a dominação externa se organiza e fortalece a partir de dentro e, em todos os níveis da ordem social, na quase totalidade dos países latino-americanos. Esse é um mecanismo que aprofunda as dificuldades que os países latino-americanos encontram para realizar sua integração, desenvolvimento e crescimento econômico em bases próprias e autônomas. Portanto, compreender o padrão de dominação burguesa no Brasil é perceber a impossibilidade de conciliar o desenvolvimento capitalista com a democracia ampliada, ou seja, com a participação popular nos destinos do país. A burguesia estabeleceu uma forma de organização do poder autocrática, uma forma de democracia restrita, isto é, uma democracia da qual estão excluídos os trabalhadores como seus cidadãos ativos. Apesar das mudanças de governo, essa forma de organização do núcleo duro do poder perdura até hoje. Esse quadro suscita a questão de saber como vamos construir uma verdadeira democracia sem romper com a condição histórica em que nos encontramos.

2. O segundo tópico é a necessidade de assumir a perspectiva analítica da luta de classes. O intelectual, educador ou militante político que não pensar e atuar a partir da luta de classes, não terá êxito no processo de formação e organização da classe trabalhadora. Como bem disse Florestan: *“Se se quiser refletir em termos socialistas sobre a história do presente e do futuro, é preciso*

colocar-se a luta de classes no centro da história”.⁸ Analisar as classes, subclasses, frações de classe, enfim, as diferentes forças que se movem, se defrontam em disputas políticas na sociedade, exige uma capacidade de análise que já não cabe nos manuais, nem nos esquemas dogmáticos, que, por vezes, ainda adotamos em nossa prática política.

Assim como também fizeram Mariátegui, Che, e tantos outros, Florestan denunciou que não se pode enquadrar a realidade dentro de um arcabouço teórico pré-estabelecido, mas, ao contrário, o marxismo é que precisa se desenvolver a partir da análise da nossa realidade. Dessa perspectiva, importa analisar onde e como se dá a polarização da luta de classes no contexto atual. Importa saber quais as forças vivas e potenciais que podem levar adiante processos organizativos e de lutas autônomas que apontem os caminhos da emancipação humana, e, portanto, da revolução latino-americana.

Sabemos que, historicamente, as análises imprecisas e equivocadas da realidade levaram a trágicas derrotas e aos suicídios de classe. Isso não significa que uma análise mais correta seja garantia de vitória, mas que, sem esse rigor analítico, com certeza, as decisões e ações políticas não terão todo o alcance necessário. Portanto, Florestan nos legou essa necessidade de compreender a realidade a partir de uma teoria que não seja dogmática, esquemática, fechada. Pelo contrário, defendeu a necessidade de uma teoria aberta, criativa, inovadora, a partir de bases teóricas sólidas – o marxismo. Daí ele ter enfatizado a necessidade de ir aos clássicos, de beber na fonte, de superar os manuais que simplificam a teoria e a própria compreensão da realidade e, avançar em novas elaborações, em novas construções coletivas de análise e de lutas, tendo como eixo central a luta de classes e a perspectiva revolucionária.

É claro, que assumindo e preservando a classe social como categoria analítica prioritária, podemos e devemos elaborar e incorporar outros aspectos e outras lutas como a da mulher, a da etnia, a das opções sexuais, a dos trabalhadores que não se enquadram nos esquemas tradicionais de análise de

⁸ Florestan Fernandes. Movimento socialista e partidos políticos. São Paulo: Hucitec, 1980, p. 45.

classes, etc. No entanto, é preciso manter como norte o projeto político da classe trabalhadora, pois não haverá emancipação humana sem a destruição da lógica de funcionamento do capital, como obra da própria classe trabalhadora com seu projeto socialista de sociedade. Mas, o que significa se colocar na dinâmica da luta de classes no contexto atual?

3. O terceiro tópico é o do socialismo como horizonte. Na posição teórica e política assumida por Florestan, a única alternativa dos trabalhadores está na construção de formas organizativas e ideológicas autônomas que permitam avançar na construção de uma revolução socialista. Aqui, é importante ressaltar que Florestan nunca titubeou em qualificar esse conceito. Para ele, a revolução não é um momento, ela é um processo de ruptura radical com a ordem do capital e a construção de uma nova racionalidade, de uma nova sociedade alicerçada nos princípios e valores humanistas e socialistas.

Suas análises da sociedade brasileira o levaram a concluir que a revolução brasileira deveria ter um desfecho socialista e que, portanto, o horizonte deveria ser socialista. Mas, a revolução como processo e resultado da correlação de forças e da luta de classes numa realidade concreta e historicamente determinada, teria que se combinar com as lutas reivindicativas (realizando tarefas que a revolução burguesa não cumpriu – lembremo-nos que, no Brasil, não houve revolução burguesa clássica, de estilo europeu) visando incorporar o povo às decisões e destinos do país – seria basicamente uma revolução democrática para superar nossa herança colonial, de exclusão do povo na história. Concomitantemente, nosso país terá que fazer um acerto de contas com nossa dependência externa, romper com os laços de integração subordinada aos interesses do capital, isto é, romper com a dominação imperialista. Portanto, colada à revolução democrática, está a questão de uma revolução nacional, para poder construir de fato uma nação soberana, autônoma e independente. Mas, devido a essas condições, só será possível viabilizar essas revoluções se mantivermos o horizonte socialista. Daí, a atualidade dessa análise no sentido de

termos plena convicção de que, no âmbito do domínio do capital, não existem alternativas viáveis para as classes trabalhadoras. E, Florestan deixa sua posição política muito clara ao dizer: *“Eu não sou só marxista. Sou um marxista que acha que a solução para os problemas dos países capitalistas está na revolução. Dizer isso não é uma fanfarronice. É assumir, de forma explícita, o dever político mínimo que pesa sobre alguém que é militante, embora não esteja em um partido comunista e que, afinal de contas, tentou, durante toda a vida, manter uma coerência que liga a responsabilidade intelectual à condição de socialista militante e revolucionário”*⁹. Em outra passagem, reafirma essa mesma perspectiva ao afirmar: *“a revolução [...] não é só uma revolução anticapitalista e antiburguesa. Ela é uma revolução socialista”*¹⁰.

A questão que se coloca é de como realizar uma revolução democrática, nacional e socialista nos dias de hoje, quando o imperialismo possui e utiliza enormes forças de destruição em massa e, por outro lado, quando sofremos a fragmentação, a divisão, os reveses do avanço das políticas neoliberais em nosso continente? Como construir um amplo movimento político (uma aliança entre as classes trabalhadoras e os setores marginalizados da sociedade – os “de baixo” capaz de produzir uma força social autônoma, revolucionária, que leve a luta pela ruptura com o nosso passado, até os limites da luta “contra a ordem”, isto é, assumindo a necessidade da tomada do poder e da construção de uma sociedade socialista?

4. O quarto tópico é a importância do estudo, da educação e formação, desde o ingresso na escola até a formação da consciência crítica. Mais que isso, a importância da pesquisa, da descoberta daquilo que está oculto e sua transformação em instrumento de luta dos marginalizados, dos “de baixo”. Florestan entendia essa necessidade e lutou para que os trabalhadores tivessem acesso à escola, à uma educação libertadora, assim como propunha o educador

⁹ Florestan Fernandes. A formação política e o trabalho do professor. In: Universidade, escola e formação de professores. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 31.

¹⁰ Florestan Fernandes. In: O que é Revolução. São Paulo: Expressão Popular, 2000, p. 63.

Paulo Freire na pedagogia do oprimido, e que dialeticamente, só pode ser uma pedagogia da desopressão, como argumenta Florestan: *“Não existe uma pedagogia dos oprimidos, existe uma pedagogia da des-opressão, da libertação dos oprimidos”*¹¹. Florestan sabia dos limites da instituição escolar, do seu caráter nitidamente burguês, mas, percebia também que ali está um espaço onde se trava a luta de classes e, se os pobres, os filhos dos trabalhadores, não tiverem acesso a ela, não terão como se transformar em atores na arena da luta política.

Ou seja, Florestan não tinha ilusões sobre a escola, sabia que apenas pela educação não se resolveriam os problemas da nossa sociedade, mas também sabia que um povo analfabeto, desconhecedor da sua história e, incapaz de imaginar e sonhar com um futuro diferente, seria impotente para construir as ferramentas de luta capazes de levar adiante os processos de transformação. Para Florestan, não se tratava de qualquer educação, mas, de uma educação de qualidade, que pudesse desenvolver capacidades criativas, imaginativas, que despertassem o senso da necessidade da mudança, pois, *“... em um país como o Brasil, é necessário criar um mínimo de espírito generalizado, cidadania universal e desejo coletivo de mudança radical para se ter a utopia de construir uma sociedade nova que poderá terminar no socialismo reformista ou no socialismo revolucionário. Eu prefiro a última alternativa”*¹². E, para tal condição, segundo Florestan, era necessário revolucionar o sistema educacional, a escola.

Florestan argumentou que a educação constituía o mais grave dilema social brasileiro sendo equiparável aos problemas do desemprego, da fome, da miséria, da violência, da extrema concentração da propriedade da terra, do inchaço das cidades, pois, como ele dizia: *“A sua falta (educação) prejudica da mesma forma que a fome e a miséria, ou até mais, pois priva os famintos e miseráveis dos meios que lhes possibilitem tomar consciência de sua condição,*

¹¹ Florestan Fernandes. A formação política e o trabalho do professor. In: Universidade, escola e formação de professores. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 24.

¹² Florestan Fernandes. A contestação necessária: retratos intelectuais de inconformistas e revolucionários. São Paulo: Ática, 1995.

dos meios de aprender a resistir a essa situação”¹³. Por isso, exigia que os trabalhadores e excluídos entrassem na malha escolar para poder desenvolver o seu potencial crítico, criativo e fomentador de rebeldia.

Hoje, continuamos a viver esse mesmo dilema, pois, muitas vezes desde a mais tenra idade, milhares de adolescentes estão fora da escola, vivendo nas ruas, no mundo do tráfico. Nesse início de agosto, desencadeamos uma campanha contra o fechamento das escolas no campo. Nos últimos anos, quase trinta mil escolas foram fechadas! Isso significa a exclusão de milhares de adolescentes da escola e da oportunidade de estudar; milhares que estão sendo jogados ao mundo da ignorância e da impossibilidade de conhecer as verdadeiras causas dos seus problemas. Não foi por acaso que as classes dirigentes desse país mantiveram os pobres distantes da escola e da educação de qualidade. No máximo, a maioria teve acesso a uma escola e a uma educação de segundo nível, precária na sua estrutura, com profissionais extremamente mal remunerados e sem condições de aprofundamento e de formação permanentes.

Por isso, nossa luta por uma educação pública, de qualidade, para todos e, em todos os níveis, desde as séries iniciais até a universidade, como espaço privilegiado de produção e socialização da cultura e do conhecimento, deve ganhar cada dia mais força. Daí nossos lemas: Nenhum Sem Terra Fora Da Escola e Todo Dirigente Estudando! São necessidades prioritárias para garantir o acesso ao conhecimento científico; um saber que é indispensável para que nos coloquemos com firmeza na luta de classes.

5. O quinto e último tópico, dessa minha intervenção, é a coerência com os valores, pois a moral e a ética são princípios do pensamento e da ação de um socialista. Nossa consciência e o projeto político no qual nos engajamos exigem a coerência entre o discurso e a prática, entre aquilo que dizemos e aquilo que fazemos. A consciência de classe, a consciência política e socialista, fez do

¹³ Florestan Fernandes. O desafio educacional. São Paulo: Cortez, 1989, p. 126.

Florestan um homem de palavra e de ação; um intelectual e militante engajado nas pesquisas e nas lutas dos de baixo durante toda a sua vida.

Para ele, não havia negociação com os poderosos, não havia cooptação, nem postura fácil e superficial. Ele foi um homem de princípios morais e éticos provenientes da sua condição de classe, mas, acima de tudo, provenientes da sua posição de classe e da perspectiva socialista. Foi um homem radical e de firmeza ideológica, traços que o mantiveram atado às tendências políticas e aos movimentos sociais que se projetavam em direção à luta pela transformação da realidade.

Essa firmeza não significa que ele não soube dialogar com outras vertentes ideológicas e com os representantes de outras classes, pois, na política, temos que estabelecer relações, prever as possibilidades de alianças; mas, do ponto de vista ideológico, não podemos duvidar dos rumos que nos propomos seguir; não podemos renegar princípios, nem nos deixarmos cooptar, negociando valores e ideias.

Suas demonstrações práticas e teóricas de vida nos emocionam até hoje; elas permanecem como um alento para as nossas consciências; são lições de vida que não nos permitem a acomodação, a traição, a negociação da luta pelo conforto dos gabinetes do poder. Somente com um alto grau de consciência de classe podemos nos mover no terreno minado da luta, sem ser derrotado ou cooptado. A firmeza e a coerência são mais importantes que a valentia e a coragem, mesmo porque a coragem não é a ausência do medo, mas, sim, a certeza de que, apesar dos contratemplos, avançamos no rumo certo.

Vivemos uma conjuntura política que nos coloca a necessidade de pensarmos uma nova ética e uma nova moral, que estejam de acordo com o projeto político que estamos construindo. Novas relações, novos comportamentos, novos valores devem ser manifestações vivas do novo que ainda não nasceu, mas, se propõe a suplantá-lo, os resquícios da sociedade capitalista, individualista, que nos formou. Estamos conscientes da necessidade do desenvolvimento de uma nova capacidade de reagir contra as injustiças, de

estarmos permanentemente inconformados com as atuais manifestações de naturalização da barbárie e da violência. Sabemos que a ética revolucionária e socialista precisam estar presentes nas nossas vidas cotidianas, de forma individual e coletiva.

Sabemos que não poderemos construir uma nova sociedade com essa velha roupagem que herdamos da sociedade capitalista. Portanto, precisamos nos despir dela agora como condição para irmos tecendo na prática as novas referências que podem estimular outros setores a construir coletivamente os novos rumos. Hoje, a pedagogia do exemplo tornou-se uma necessidade da luta, pois não podemos repetir palavras de ordem revolucionárias se, nas ações cotidianas e nas políticas organizativas, nos mantivermos conservadores, oportunistas, acomodados, indisciplinados porque não sabemos vivenciar os valores e os princípios revolucionários.

Florestan é extremamente atual porque ele nos orienta e estimula a vivência desses novos valores ao afirmar: *“O caráter humano chegou-me por essas frestas, pelas quais descobri que o ‘grande homem’ não é o que se impõe aos outros de cima para baixo ou através da história; é o homem que estende a mão aos semelhantes e engole a própria amargura para compartilhar a sua condição humana com os outros, dando-se a si próprio, como fariam os meus Tupinambá [...] descobri que a medida do homem não é dada pela ocupação, pela riqueza e pelo saber, mas pelo ‘seu caráter’, uma palavra que significava, para eles, pura e simplesmente, ‘sofrer as humilhações da vida sem degradar-se’”*¹⁴.

Finalizando, eu poderia dizer que a atualidade do Florestan está na realidade da luta de classes e na perspectiva revolucionária e socialista desta luta. Os grandes dilemas e desafios da classe trabalhadora, dos desempregados, dos “deserdados da terra”, dos “sem classe”, por ele analisados, não apenas se mantiveram, como se agravaram, não apenas em extensão como em intensidade;

¹⁴ Florestan Fernandes. A sociologia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1980, p. 143 – 147.

por isso mesmo, sob a lente teórica do Florestan podemos enxergar mais longe e com maior profundidade.

Portanto, estudamos Florestan não apenas para conhecer o seu pensamento, a sua obra (que são magníficos), mas, fundamentalmente, o estudamos porque queremos contribuir para a revolução brasileira e latino-americana. Estudamos porque queremos compreender a fundo, na essência, as nossas sociedades; porque queremos produzir uma análise e um conhecimento que rompam com os esquemas dogmáticos e tradicionais de explicá-la aos trabalhadores; porque acreditamos e sonhamos com uma nova sociedade, que brote das entranhas dessa que vivemos e que a suplante; porque sabemos que fazemos a história e, para fazê-la, precisamos dos instrumentos adequados, os mais apropriados a cada estágio da luta; precisamos do conhecimento, do rigor, da seriedade, da solidariedade, do companheirismo, da humildade, da simplicidade que nos elevam como militantes e dirigentes políticos.

A chama do socialismo que o manteve vivo, nos convoca a continuar organizando, formando e desencadeando lutas táticas e estratégicas que façam avançar o processo da revolução socialista. Que a obra do Florestan continue a atormentar as classes dominantes porque ela está sendo incorporada às nossas organizações e às nossas lutas, e porque é assim que ela se mantém viva e desafiadora. A maneira de garantir a vitalidade, a atualidade, o vigor das ideias e das práticas políticas e teóricas do Florestan, é materializando-as nos nossos estudos, nas nossas organizações autônomas e nas lutas concretas pela emancipação humana em toda a América Latina.

Termino com uma linda passagem do Mestre, que nos toca a todo o momento, quando argumentava a necessidade de construir uma grande força política da classe, que se propusesse como tarefa estratégica a revolução: *“Quanto ao ‘sonho’, o que se deve dizer é que sem sonhos políticos realistas não existem nem pensamento revolucionário nem ação revolucionária. Os que não ‘sonham’ estão engajados na defesa passiva da ordem capitalista ou na*

contra-revolução prolongada".¹⁵ Continuemos “sonhando” e lutando para que a revolução e o socialismo se tornem realidade histórica, conquistados a “duras penas”, como disse Florestan. Obrigado pela atenção de todos.

¹⁵ Florestan Fernandes. O que é Revolução. São Paulo: Abril Cultural, 1984, p. 111.